
EDITORIAL

A temática deste volume da revista *Habitus*, Cemitério e Morte, é aqui tratada em caráter interdisciplinar, ou seja, como objeto ou assunto analisado e interpretado a partir de distintas abordagens. Queremos reforçar nessa oportunidade o valor agregado ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia em poder reunir diferentes enfoques sob essa temática contundente e que pelo grande número de artigos recebidos concretizamos este segundo volume.

A Morte, vista aqui como interrupção definitiva da vida, que revela a realidade finita da existência individual humana e, portanto, momento cheio de simbologias e significados têm possibilitado diversos enfoques científicos. Na abrangência desse volume em particular, foram tratadas as manifestações da morte, as representações individuais e coletivas e os significados sociais e simbólicos que ora exaltam ora buscam amenizar o horror da morte.

Pela realidade imutável a que estamos sujeitos é que o momento da morte é cercado de múltiplas formas de manifestações e expressões que envolvem tanto relações do mundo físico com o sobrenatural, quanto relações hierárquicas de demonstração de poder e *status*. Uma vez que o homem não quer se extinguir, e as afetividades não permitem que os mortos sejam imediatamente esquecidos, é criado em torno dele ações simbólicas que, em primeiro lugar, captam a identidade do morto e, em segundo lugar, tentam prolongar o seu significado social. São esses aspectos significativos que foram captados nos artigos aqui reunidos.

Por meio da arqueologia e da historiografia, cemitérios, túmulos e restos esqueléticos emergem como testemunhos de acontecimentos do passado que marcaram épocas e lugares. O artigo de Júlio César Medeiros da Silva Pereira, intitulado *Germinar: Morte e sepultamento de pretos novos no Rio de Janeiro do século XIX*, se baseou na forma como foram enterrados os corpos dos africanos escravizados que chegavam

mortos ao Brasil para mostra a situação discriminatória com que eram tratados. Enquanto que Jaisson Teixeira Lino, com o artigo *Os cemitérios da Guerra do Contestado (1912-1916): Aspectos historiográficos e arqueológicos*, buscou correlacionar evidências em diversos cemitérios da região do Contestado, estado de Santa Catarina, com as fontes históricas, compreendendo que a identificação desses espaços contribui com a materialização da memória da Guerra do Contestado, sabendo-se que estes representam o envolvimento da comunidade que defendeu com a própria vida seus interesses e ideias e hoje são marcos da história na memória social.

É por sua representatividade que os cemitérios podem ser considerados testemunhos do passado e patrimônio histórico de revitalização da memória da formação da sociedade como Fabiana Comerlato, com o artigo *O patrimônio cemiterial do município de Cachoeira, Recôncavo da Bahia*, tem buscado fomentar quando analisa cemitérios dessa localidade.

Tratando-se de memória e herança cultural, Rafael de Abreu e Souza, Márcia Lika Hattori e Patrícia Fischer trazem um assunto polêmico no artigo *Ossos do ofício: cemitérios, licenciamento ambiental e prática arqueológica em Arraias, Tocantins*. Os autores apresentam o resultado de uma pesquisa arqueológica que se deparou com um cemitério em área que sofreria impacto de obras de engenharia e buscam refletir seus aportes metodológicos e ética profissional.

O espaço e os símbolos dentro dos cemitérios podem dizer muito sobre a significância social dos mortos, mausoléus familiares refletem essa distinção, destacada dentro do artigo *Em nome do pai: Análise do mausoléu familiar como fator de distinção dentro da arte tumular*, produzido por Clarissa Grassi e Fabio Domingos Batista. Situações incomuns como o sepultamento da empregada que serviu à família enterrada no jardim externo ao mausoléu repetem as práticas sociais dentro do espaço arquitetônico cemiterial.

Numa perspectiva cultural, o artigo de Ricardo Moreira de Oliveira, intitulado *Rituais aos mortos na tradição do Batuque e do Candomblé*, aborda rituais de desenlace nos cultos de matriz africana das sociedades afrodescendentes do Rio Grande do Sul, buscou elementos comparativos com outras expressões de religiões de origem africana para destacar os aspectos particulares da cultura.

Potyguara Alencar dos Santos, com o artigo *A ritualística fúnebre dos povos do mar: Cismogêneses e semióticas*, utiliza relatos etnográficos do ritual de Visita realizado na comunidade de pescadores marítimos de Tatajuba, no estado do Ceará, para compreender o espaço de interação entre os membros da comunidade no momento simbólico da Visita em que os vivos estariam interagindo com o ente falecido.

O intercâmbio entre vivos e mortos também é abordado por Marta Ciocari, no artigo *Intercâmbios entre vivos e mortos numa cidade industrial no Rio Grande do Sul*, a partir do estudo etnográfico realizado na comunidade de mineiros na cidade de Minas de Leão. Neste caso a confiança e devoção aos mortos milagrosos são efetivadas através da crença de “pedir ajuda”.

Gilmara Gomes da Silva Sarmiento, através do artigo *Funerais e conflitos em uma pequena comunidade fluminense*, faz um estudo antropológico mostrando como conflitos sociais de posições religiosas diferentes conduzem a comportamentos socialmente regulados nos funerais.

Imagens simbólicas sobre a morte também foram abordadas com enfoques específicos. Samuel Campos Vaz, no artigo *Imagem e história no Cemitério São Miguel*

da *Cidade de Goiás*, identifica nas imagens colocadas em cemitério uma fonte fecunda para análises entre a história e o imaginário construído socialmente e atenta para as dificuldades da interpretação das imagens desvinculadas das fontes historiográficas. Enquanto que o artigo *Dead men tell no tales: a “irmandade” dos piratas através dos estandartes do terror e da morte* de Leandro Domingues Duran busca em símbolos relacionados à morte as referências à pirataria numa relação simbólica identitária.

Novos comportamentos em relação à morte foram tema de análise no artigo *A mercantilização da morte na sociedade de consumo* produzido por Rogério Bianchi de Araújo, no sentido em que produtos e serviços tem sido criados para atender às concepções contemporâneas sobre a morte.

Consta também deste número da revista *Habitus* a resenha elaborada por Sandra Célia Coelho Gomes da S. Serra de Oliveira sobre o livro *Os Paradoxos do Imaginário* de autoria de Castor Bartolomé Ruiz, cujo assunto em destaque transitou em alguns dos artigos aqui apresentados.

Destaca-se ainda, o resumo de dissertação de Fernanda Elisa Costa P. Resende, desenvolvida no Mestrado Profissionalizante de Gestão do Patrimônio Cultural, que tem como título *Alimentação de Almas: um patrimônio cultural brasileiro*. A autora abordou em sua dissertação as manifestações populares, de cunho religioso, realizadas por um grupo remanescente da cidade de Correntina na Bahia.

Os estudos aqui apresentados estão à disposição dos leitores e pretendem abrir novas reflexões.

Rosiclér Theodoro da Silva
Ludimília J. de Melo Vaz
Fernanda Elisa Costa Paulino e Resende
Editoras deste número